

---

## Notas

- <sup>1</sup> Cf. artigo de Frédéric Grosjean, *M@ppemonde* n. 76, a situação mais notável dos estádios brasileiros é, sem dúvida alguma, a do Zerão de Macapá (Amapá), cuja linha mediana a separar os dois campos coincide com a linha do Equador, jogando cada equipe em um hemisfério diferente.
- <sup>2</sup> A idéia original desta análise me foi sugerida por Pierrick Hervé, utilizando-a em aula com seus alunos, a quem agradeço veementemente.
- <sup>3</sup> A primeira etapa do tratamento dos mapas estatísticos foi realizada utilizando o programa Philcarto, disponível no *site* de seu autor.
- <sup>4</sup> <http://cbfnews.uol.com.br/>
- <sup>5</sup> Notadamente 95%, posto os demais não serem localizados em virtude dos homônimos.

## Bibliografia

- AUGUSTIN Jean.-Pierre. **Sport, géographie et aménagement**. Paris: Nathan, 1995. 254 p, ISBN: 2-09-190306-X.
- GROSJEAN Frédéric. **Pour une approche spatialisée de la pratique sportive: l'exemple du football en milieu urbain**. *M@ppemonde* n° 76 (4-2004).
- MATHIEU Daniel, PRAICHEUX Jean. **Atlas des sports en France**. Paris: Fayard/Reclus, 1987. 167 p., ISBN: 2-213-02007-8.
- MIGNON P. **La Passion du football. Sociologie d'une exception**. Paris: Odile Jacob, 1998. 287 p., ISBN: 2-7381-0611-0.
- POCHMANN Marcio, AMORIM Ricardo (org.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. Editora Cortez, 2003. 3 tomes. ISBN: 85-249-0907-2.
- RAVENEL Loïc. **La Géographie du football en France**. Paris: Presses Universitaires de France, coll. Pratiques corporelle, 1998. 144 p., ISBN: 2-13-049403-X.
- SALDANHA João. **O Futebol**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1971.
- THÉRY Hervé, de MELLO Neli. **Atlas du Brésil**. Paris: CNRS Libergéo-La Documentation française, 2003. 304 p. (édition brésilienne: *Atlas do Brasil, Disparidades e dinâmicas do território*. São Paulo: Edições da Universidade de São Paulo EDUSP, 2005, 312 p.). ISBN: 2-11-005563-4.
- THÉRY Hervé. São Paulo, capital do Brasil. In: *Geografias de São Paulo*, tomo 2, **A metrópole do século XXI**, Ana Fani Alessandri Carlos, Ariovaldo Umbelino de Oliveira (org.). Contexto, 2004. p. 363-376 et 391-398.
- Sites Internet
- História do Futebol
- [suapesquisa.com](http://suapesquisa.com)
- [futebolnarede.com](http://futebolnarede.com)
- [futebol.bol.com.br](http://futebol.bol.com.br)

Trabalho enviado em agosto de 2006

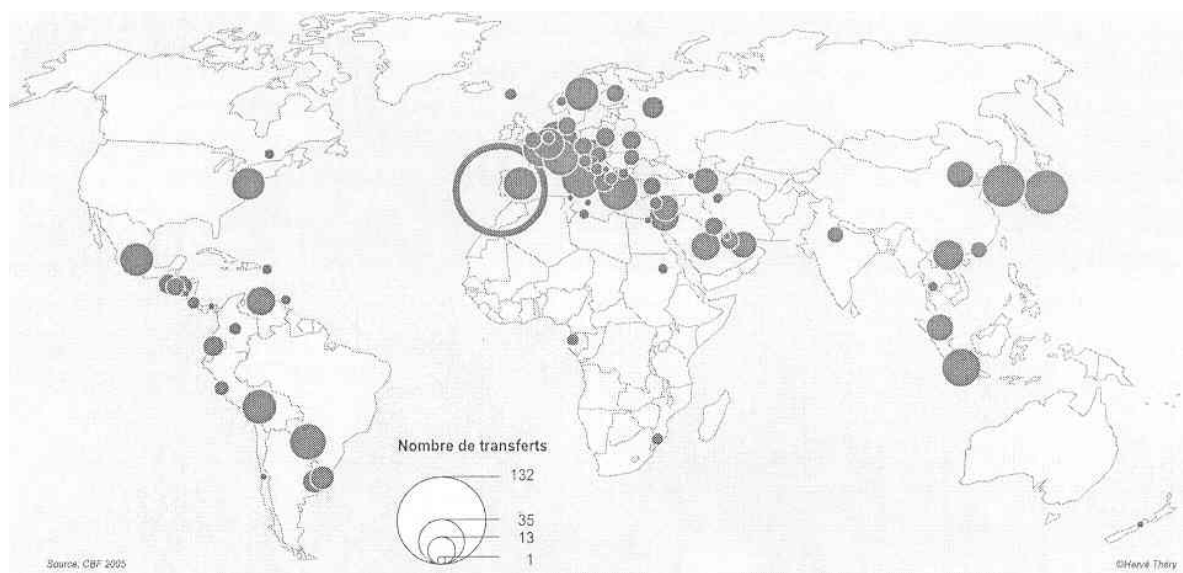
Trabalho aceito em dezembro de 2006

rivalidade desaparece ou se transfere para um outro plano, a unidade é forjada e o fervor a envolver a seleção é sem igual (figura 13)



**Figura 13.** Uma valorização certa, a camisa da seleção © Cliché: H. Théry, 2005

Os resultados justificam este entusiasmo, sendo os títulos confirmados pelo volume de exportações de jogadores brasileiros para o mundo inteiro, evidenciado em mapa elaborada a partir de outro registro constante no *site* da CBF, o das transferências de jogadores negociados em 2004. Nada menos que 846 dentre eles estabeleceram-se em clubes de 80 países do mundo inteiro (figura 14). O que mais acolheu foi Portugal (132), por razões lingüísticas evidentes. Notamos também 35 partindo para o Japão, 32 para a Coréia, e outros a países mais exóticos para os brasileiros. Essa migração deve ser difícil, já que a maioria dos jogadores são de origem humilde e menos preparados para a vida no estrangeiro: 26 foram à Indonésia, 17 ao Vietnã, 13 à China, 12 ao Arzabaijão. Dentre os menores efetivos, 6 à Finlândia, ao Kuwait e ao Qatar, 3 à Bósnia e Ilhas Faroe. Para estes últimos devem ser bem fortes, nas longas noites de inverno, a saudade de seu país...



**Figura 14** - Exportação de jogadores brasileiros em 2004

Um dos principais elementos da fidelidade fanática dos torcedores ao seu clube é a rivalidade com outros clubes, mais intensa quando se trata da rivalidade com outro(s) clube(s) da mesma cidade. Não é raro encontrar torcedores em êxtase quando um clube de fora ganha do rival local, sendo Vasco ou Flamengo (no Rio), Palmeiras ou Corinthians (em São Paulo). A fidelidade ao clube é eterna, podendo até acarretar problemas aos casais “mistos”, muitos almoços familiares foram inviabilizados em função de alguém ter tido a infelicidade de abordar tema tão delicado aos envolvidos. Esta fidelidade tem conotações sociais e tiveram sua origem, às vezes, no mito dos clubes. Afirma-se, por exemplo, que o Fluminense e o São Paulo são clubes *chics, pó de arroz*, e que o Flamengo e o Corinthians são populares, acrescentando um quê de luta de classes aos confrontos tradicionais, FLA x FLU ou Palmeiras x Corinthians. Outras filiações relacionam-se às origens da imigração, como as comunidades portuguesas do Rio e de São Paulo, que torcem para o Vasco e a Portuguesa; as italianas, para Palmeiras, antigo Palestra Itália, cujo nome foi mudado em 1942, momento no qual o Brasil entrou na guerra contra as forças do Eixo. Os clubes são conhecidos pelos seus cognomes, utilizados pelos torcedores e comentaristas de rádio e televisão de uma forma natural, sem preocupação em explicá-lo: *rubro-negro* ou *mengão* para o Flamengo, Tricolor para o Fluminense, etc.

O efeito desta rivalidade manifesta-se positivamente, posto as 23 primeiras cidades classificadas pela CBF contarem com pelo menos dois clubes, e frequentemente com mais (caso das quarenta dentre as 226 contando com clubes classificados). A primeira cidade de um só clube, Criciúma (Santa Catarina), ocupa somente o vigésimo quarto lugar, com 600 pontos, as cidades médias têm pelo menos dois clubes e todas as grandes cidades têm pelo menos três (figura 12), mesmo encontrando-se o terceiro distante dos demais, como Porto Alegre, Salvador ou Fortaleza.

Caso atípico é o de Brasília: nesta cidade quinze clubes classificados coexistem, dividindo um total de pontos medíocres, caracterizando-a como uma cidade à parte. Caso incluamos as rivalidades regionais entre as cidades mais próximas, como João Pessoa e Campina Grande ou Londrina e Maringá, e entre as

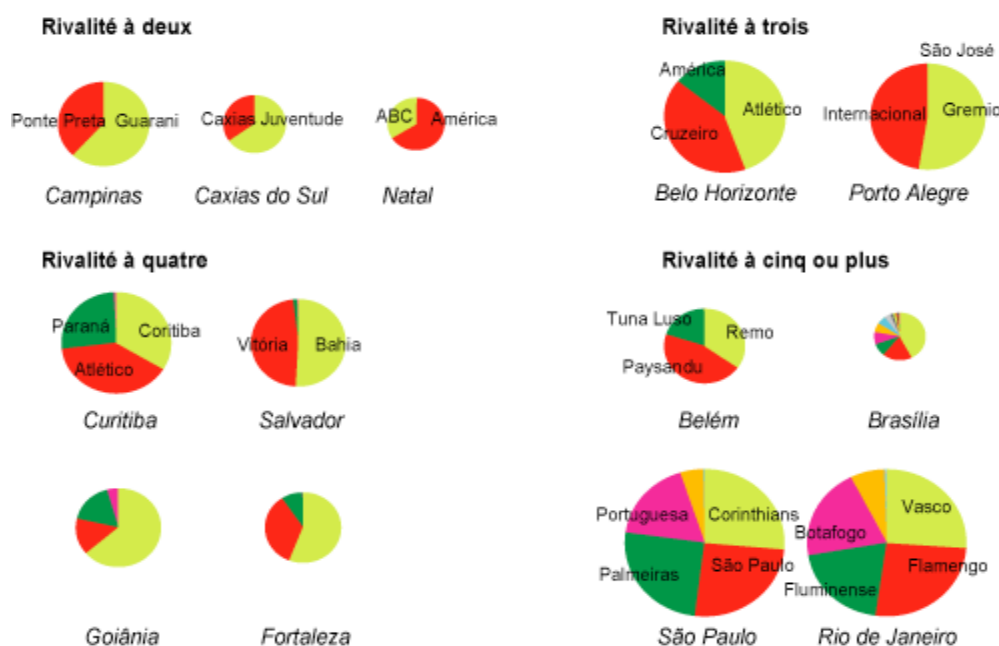
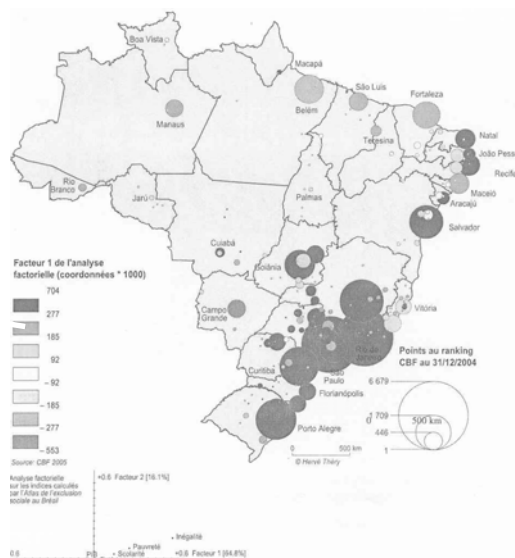


Figura 12. Rivalidades em 2, 3, 4, 5 e mais

capitais, percebemos como a competição com os vizinhos apresenta-se como a mola mestra.

Entretanto, quando o Brasil joga em competições internacionais, tem-se um momento no qual a

nelas baseadas, esta escala não é certamente a mais relevante. Ela esconde uma outra, posto a excelência das grandes cidades resultarem em parte da rivalidade dos clubes a se confrontarem nelas.



**Figura 9** - Classificação no futebol e índices sociais

### *Grandes cidades e grandes clubes*

Mesmo se sentindo cariocas, paulistas, a fidelidade dos torcedores, com os mais envolvidos se organizando em torcidas, se refere a seu clube, e não à sua cidade.

Diversos símbolos afirmam tal lealdade: os clubes têm uma bandeira, um brasão (figura 10), uma camisa vestida prazerosamente para assistir aos jogos, jogar uma partida com os amigos, ir à praia.



**Figura 10.** As insígnias dos clubes

O comércio destas camisas (do clube ou, nas grandes ocasiões, da Seleção) na entrada dos estádios é um dos melhores negócios do comércio de rua, provavelmente destinado aos desatentos desprovidos de uniforme apropriado (figura 11). Os torcedores a vestem igualmente para explicitar a qual tribo pertencem, mesmo na universidade ou no trabalho, não sendo por acaso que no Brasil se afirma solidariedade com seu grupo, qualquer que seja, afirmando literalmente “vestir a camisa”.

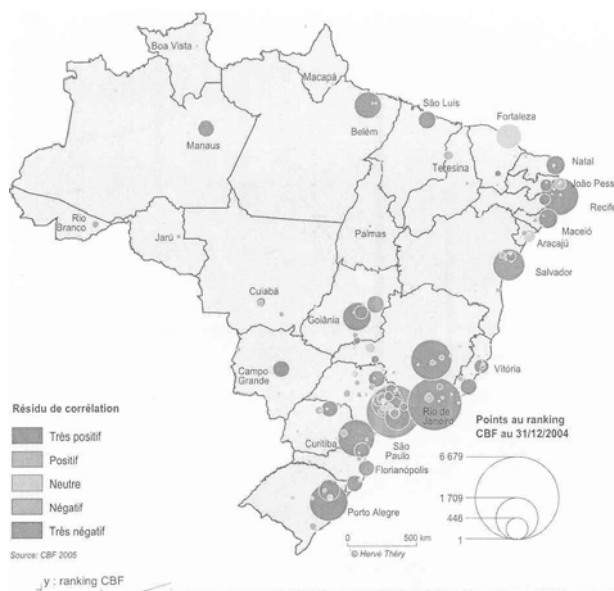


**Figura 11.** Camisas de clubes na entrada do estádio do Pacaembu, São Paulo

© Cliché: H. Théry, 2005

Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 05, número 09, 2006

Sabedores da relação entre forte presença da indústria e ascensão dos clubes de futebol em outros países (notadamente Sochaux ou Saint-Étienne na França), podemos realizar correlação pautada no registro das empresas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2002). Se supusermos constante a relação entre os dois fenômenos, um mapa de regressão linear (figura 8) mostra as cidades cujos resultados esportivos são melhores (ou piores) do que se poderia supor ao medir a atividade econômica, estimada pelos salários pagos na indústria (critério escolhido, preferencialmente ao número de empresas, posto muitas delas serem micro-empresas).



**Figura 8** - Resultados no futebol e salários na indústria

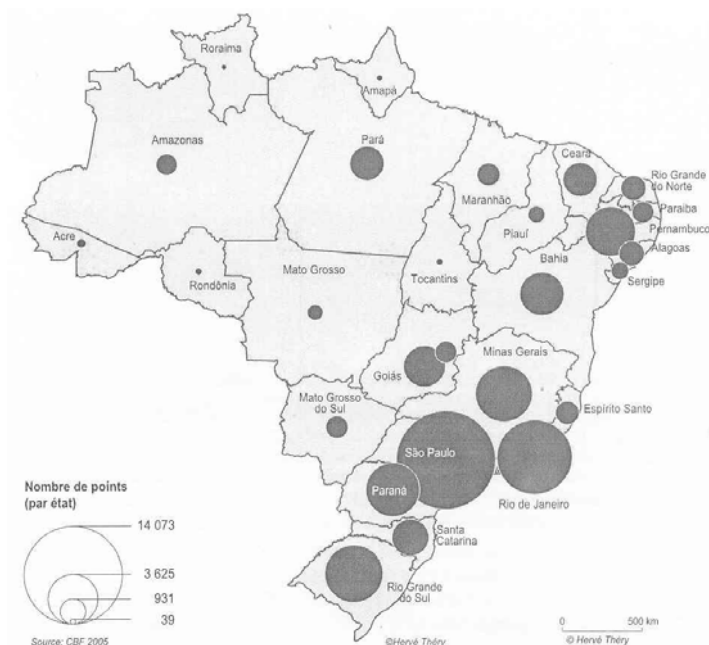
Para a maioria das grandes cidades, os resultados esportivos são superiores ao peso econômico; dentre as grandes cidades industriais que têm resultados abaixo da media da correlação, São Paulo se encontra no topo, expressando resultados esportivos excelentes mais abaixo de sua superioridade econômica. O mesmo no caso de Manaus, cuja zona franca lhe dá um perfil claramente industrial, Salvador (pólo petroquímico) e Brasília, onde a diferenciação dá-se no sentido contrário: a massa salarial total (pelo menos a do setor privado) é baixa, mas os resultados no futebol são tão ruins que a correlação acaba sendo negativa.

Como a dimensão meramente econômica não nos dá resposta, podemos englobar os índices sociais.

Graças a trabalho recente coordenado por Márcio Pochmann e Ricardo Amorim, *Atlas da Exclusão Social no Brasil*, dispomos de gama de índices com rebatimento no espaço (na escala municipal), do índice de pobreza ao índice de violência passando pelos de juventude, de emprego, de escolaridade e de desigualdade, todos combinados no índice de exclusão. Uma análise fatorial conduzida a partir destes índices, e cujo eixo 1 (68% de variação) serve para qualificar por uma gama de cores os círculos representativos dos resultados da classificação da CBF, demonstra (figura 9) que as grandes cidades futebolísticas se situam do lado “bom” do eixo não tão somente em função do índice de emprego. Trata-se também do índice de desigualdade, mesmo com a riqueza bruta (índice do PIB) e o índice sintético de exclusão situando-se no centro do plano. Tudo se passa como se, para ter um bom resultado, não seja necessário somente dinheiro (destinado ao pagamento dos salários dos jogadores), mas igualmente uma sociedade muito dividida, na qual a massa de pobres constitui, concomitantemente, viveiro de jogadores de talento (a buscarem no futebol uma via de ascensão social) e multidão de torcedores cujo entusiasmo “impulsiona” a equipe nos bons e maus momentos.

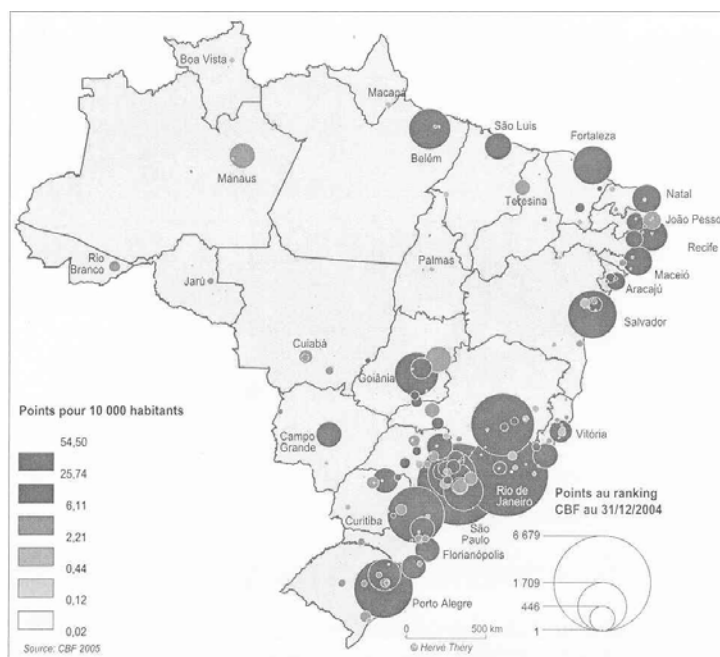
Esta indicação nos incita a passar para a realidade vivida no futebol, a dos clubes. Mesmo com a racionalidade geográfica instigando a pensar em termos de cidades, totalizando os resultados das equipes

relação entre a hierarquia urbana e os resultados esportivos das cidades, nos resta estabelecer com quais fatos urbanos estes últimos estão correlacionados. É suficiente ser uma grande cidade para ter bons resultados, ou o perfil dos vencedores está associado a funções e qualidades mais específicas?



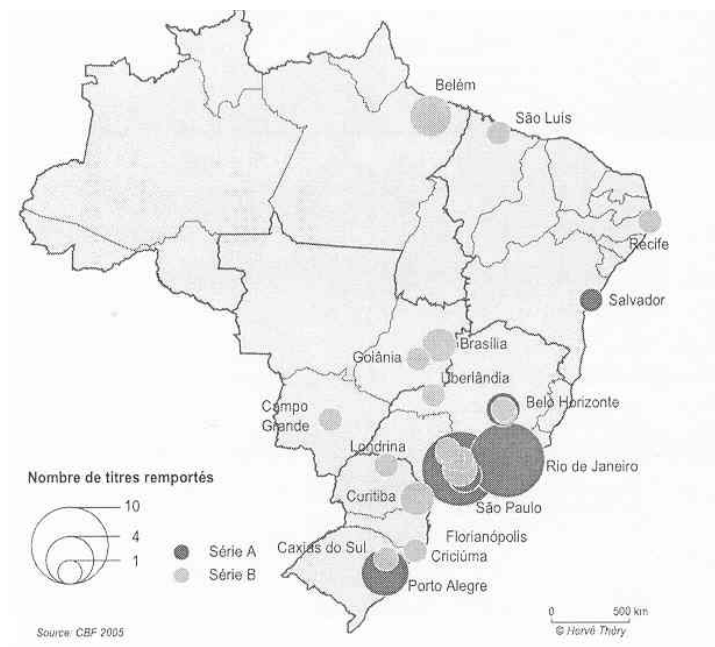
**Figura 6** - Total por estado confederado

A relação entre o tamanho das cidades e os resultados nos estádios pode ser estimada calculando-se o número de pontos por 10.000 cidadãos (figura 7): O avanço das grandes cidades é tamanho que este cálculo ainda as deixa distantes das pequenas. No máximo assinalam-se algumas exceções como Santos e três cidades do Sul, Porto Alegre (em grande parte graças ao Grêmio), Caxias do Sul e Criciúma.



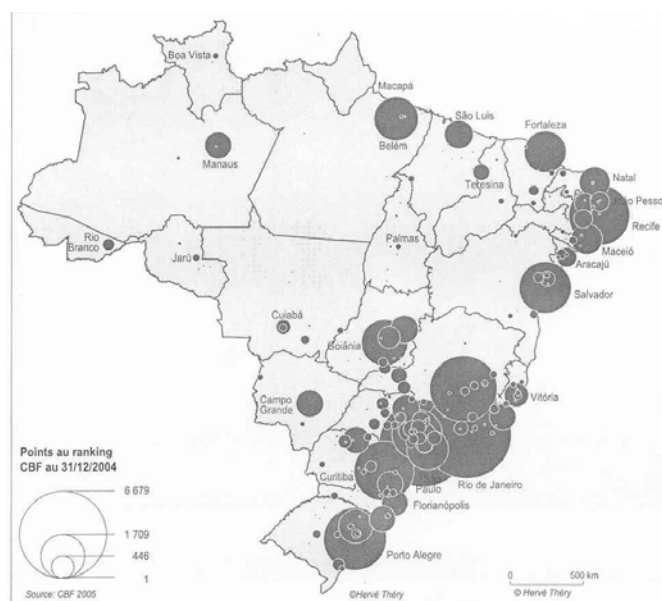
**Figura 7** - População urbana e Futebol

capitais das regiões periféricas. Estas redes urbanas densas, às vezes causa e consequência do desenvolvimento mais equilibrado do Sul-Sudeste, se manifestam também nos estádios, cada cidade torcendo pelo sucesso de seu ou seus clubes.



**Figura 4 - Número de títulos obtidos**

Se procedermos a análise (como faz a CBF) do total por Estado, o papel das cidades médias é a razão maior da superioridade do Estado de São Paulo sobre os demais (figura 6).



**Figura 5 - Classificação da Confederação Brasileira de Futebol**

### Correlações

Caso possamos supor, constatando até que ponto suas distribuições se assemelham, existência de

Grêmio de Porto Alegre até o único ponto obtido pelos 55 clubes no final da classificação.

Rang	Club	Ville	État
1	Corinthians	São Paulo	São Paulo
2	Internacional	Porto Alegre	Rio Grande do Sul
3	Fluminense	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
4	Goiás	Goânia	Goiás
5	Palmeiras	São Paulo	São Paulo
6	Paraná	Curitiba	Paraná
7	Cruzeiro	Belo Horizonte	Minas Gerais
8	Santos	Santos	São Paulo
9	Atlético	Curitiba	Paraná
10	São Paulo	São Paulo	São Paulo
11	Botafogo	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
12	Fortaleza	Fortaleza	Ceará
13	Ponte Preta	Campinas	São Paulo
14	Juventude	Caxias do Sul	Rio Grande do Sul
15	Vasco	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
16	São Caetano	São Caetano	São Paulo
17	Flamengo	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
18	Curitiba	Curitiba	Paraná
19	Figueirense	Florianópolis	Santa Catarina
20	Paysandu	Belém	Pará
21	Brasiliense	Brasília	Distrito federal
22	Atlético	Belo Horizonte	Minas Gerais

**Quadro 1-** Lista das Equipes da Primeira Divisão



**Figura 3** - Número de clubes selecionados para o campeonato

Totalizando os resultados obtidos pelos clubes por cidade – localizadas<sup>5</sup> graças a outros *sites*, notadamente os dos próprios clubes – podemos construir um mapa correspondente a esta classificação (figura 5). Ele reforça a idéia da concentração, as grandes cidades se diferenciam fortemente das pequenas. Em cada estado da federação a maioria das conquistas é obtida pelas capitais, mas no Norte e Nordeste elas não têm concorrente fortes (salvo João Pessoa, na Paraíba, ultrapassada por Campina Grande), enquanto no Sul e Sudeste diversas cidades médias obtêm resultados na mesma ordem de grandeza das



no Rio de Janeiro, e o SC Corinthians, em São Paulo, seguidos pelo SC Internacional e o SC Germânia (mais tarde rebatizado EC Pinheiros) e, em 1911, o Flamengo do Rio de Janeiro (Saldanha, 1971).



**Figura 2.** A cidade vista do estádio do Pacaembu, São Paulo. © Cliché: H. Théry, 2005

Contudo, apesar de toda energia empregada pelas pequenas equipes, constata-se que, também nesse domínio, o sucesso geralmente converge para as grandes equipes, as das grandes cidades, nas quais se localizam os clubes mais conceituados e ricos, aqueles capazes de atrair os melhores jogadores. Apesar de algumas exceções, como o Santos, no qual Pelé se celebrou, tem-se a impressão de que a hierarquia futebolística está calcada na hierarquia urbana:<sup>2</sup> pode-se tentar verificar o afirmado, ou invalidá-lo em alguns aspectos, ao encontrar algumas correlações e checar a existência ou não de alguns fatores específicos.

Como a organização do futebol está nas mãos de uma notável entidade, a CBF (*Confederação Brasileira de Futebol*), que mantém uma conta minuciosa dos resultados, dispomos de dados para justificar ou invalidar esta hipótese através de um tratamento cartográfico.<sup>3</sup>

### *As hierarquias do futebol*

A análise dos resultados em escala nacional pode ser apoiada no excelente *site* da CBF, o qual contém, entre outras informações precisas e atualizadas, as listas dos clubes jogando da primeira, segunda e terceira divisões (ou séries A, B e C), listas dos árbitros, os resultados dos campeonatos e copas nacionais e internacionais em curso, etc.<sup>4</sup>

A lista das equipes figurando em cada uma das três séries do campeonato nacional, bem como a dos vencedores dos anos anteriores, permite elaborar, à priori, dois mapas indicadores dos pesos relativos das cidades-sedes das equipes a disputarem estas competições (figura 3). A primeira divisão (série A) congregou, em 2005, principalmente as equipes do Sul e Sudeste, com exceção de Goiânia, no Centro-Oeste (quadro 1). A segunda divisão (série B) acrescenta cidades do Nordeste, e a terceira (série C) cidades da Amazônia. O segundo mapa (figura 4), o dos vencedores dos campeonatos anteriores, indica concentração beneficiando as duas grandes metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo, ambas com peso igual, tendo cada uma ganhado dez vezes. A terceira cidade, Porto Alegre posiciona-se longe (4 vezes campeã). São também as equipes do Sul e Sudeste as ganhadoras da maior parte dos campeonatos da segunda divisão, excetuando-se Belém (Amazônia), Recife (Nordeste) e Campo Grande (Centro-Oeste).

Mesmo o campeonato da terceira divisão só foi conquistado por pequeno número de cidades, as únicas outras capitais a ascenderem à lista de classificação foram São Luis (Maranhão) e Florianópolis (Santa Catarina).

O *site* da CBF dispõe de classificação completa dos clubes, resultado de trabalho complexo de tratamento de resultados, ao considerar resultados nos jogos da Copa do Brasil e no campeonato, segundo critérios claramente fixados. A classificação obtida nas séries A, B ou C vale certa quantidade de pontos, atingir os 32º finalistas tantos pontos, os 16º finalistas outros tantos, etc. A tabela, fechada em 31 de dezembro de 2004, comporta 354 clubes, cujo total acumulado de pontos varia dos 1.820 pontos do

# FUTEBOL E HIERARQUIAS URBANAS NO BRASIL \*

Prof. Dr. Hervé Théry  
Centre National de Recherche Scientifique (França) e Cátedra Pierre Monbeig, USP  
Hthery@aol.com

## RESUMO

O futebol, além de paixão nacional no Brasil, corresponde a um bom indicador das hierarquias urbanas. As classificações das equipes de futebol, disponíveis no *website* da Federação Brasileira de Futebol, relacionadas a outros dados, podem comprovar a correlação entre as performances esportivas dos clubes e o grau de centralidade das cidades nas quais se situam.

**Palavras chave:** Brasil, futebol, hierarquias Urbanas.

## RÉSUMÉ

Le football n'est pas seulement la passion national du Brésil, il peut être aussi un bon indicateur des hierarchies urbaines du pays. Les classements disponibles sur le site de la Fédération Brésilienne de *Futebol* peuvent être mis en rapport avec d'autres données pour vérifier la corrélation entre les performances sportives de clubs et le degré de centralité des villes où ils sont basés.

**Mots-clés:** Brésil; football, hiérarchies urbaines.

---

## Introdução

No Brasil ninguém questiona ser o futebol uma paixão nacional. Trata-se do único país penta campeão do Mundo, além de acumular títulos regionais como a Taça Libertadores e Campeonato Sul-Americano de Clubes, disputado no final de 2005 entre dois clubes brasileiros. Os campeonatos nacionais, não menos concorridos, são acompanhados por fanáticos torcedores, que se postam defronte da televisão ou nos estádios.

Estes imensos estádios, inclusive o Maracanã do Rio de Janeiro, o maior do mundo (figura 1), constituem nas cidades um dos elementos estruturantes da organização urbana (figura 2).<sup>1</sup> Os programas de televisão, rádios, jornais nacionais e locais rendem-se ao esporte rei; em todo o país, a tarde de domingo é consagrada aos jogos e a segunda-feira pela manhã aos comentários dos resultados dos jogos do final-de-semana: nacionais, regionais e locais.



**Figura 1** - Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, 120 000 lugares sentados.  
© Cliché: H. Théry, 2005

Como o ocorrido em outros países, o futebol foi introduzido no Brasil pelos ingleses, no caso por Charles Miller, intitulado “pai do futebol”. Descendente de ingleses e escoceses, nascido em São Paulo, foi enviado à Inglaterra aos nove anos para estudar em uma escola pública. Nesta época teve contato com o futebol, defendendo as cores do *Southampton Football Club*. Quando de seu retorno ao Brasil, em 1894, trouxe em sua bagagem a primeira bola de futebol e um conjunto de regras do jogo.

A primeira partida jogada no Brasil aconteceu em 15 de abril de 1895, entre funcionários de empresas inglesas estabelecidas em São Paulo, a Companhia de Gás e a São Paulo *Railway* (esta última ganhou por 4 a 2). A primeira equipe formada no Brasil foi a São Paulo *Athletic*, em 13 de maio de 1898. Em 1900 surgiram a SR Rio Grande (Rio Grande do Sul), na cidade de mesmo nome, e a AA Ponta Negra de Campinas (São Paulo), os mais antigos clubes ainda existentes. Em 1901 formaram-se o Fluminense FC,

---

(\*) Traduzido do original, Mappemonde 81, por Raimundo Freitas Aragão e Eustógio Wanderley Correia Dantas.